

## APRENDENDO COLABORATIVAMENTE POR MEIO DE FERRAMENTAS ELETRÔNICAS: UMA PRÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES\*

### COLLABORATIVE LEARNING THROUGH ELETRONIC TOOLS: A PRACTICE FOR TEACHING TRAINING

Ana Paula Basso<sup>1</sup>

Elaine Mateus<sup>2</sup>

Luciana Cristina da Costa Audi<sup>3</sup>

**RESUMO:** Desde sua criação, em 2008, o blog do projeto aprendizagem sem fronteiras: ressignificando os limites da formação inicial e contínua de professores, da universidade estadual de londrina, tem sido espaço para que seus participantes compartilhem experiências e gerem conhecimentos. Sob a ótica de duas professoras pesquisadoras, apresentamos uma análise de algumas postagens deste blog, que constituíram uma das tarefas do projeto, com o objetivo de discutir as identidades dos envolvidos, por meio do uso que fizeram de metáforas e de imagens. Para o desenvolvimento deste trabalho categorizamos as postagens em três temáticas: o professor que aprende, o professor que se recria na diversidade e o professor afetivo. Nos fragmentos analisados encontramos nossas marcas, as digitais das histórias de nosso tempo e os fios do tecido social que nos reveste. Os dados também revelam que o blog forjou-se como prática em que sentimentos e vozes foram compartilhados, e por meio da qual, identidades de professores colaborativos foram recriadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ferramentas eletrônicas; Formação docente; Blog; Identidades de professores.

**ABSTRACT:** Since its creation in 2008, the blog of the project “learning without borders: reframing the limits of training and continuing education”, from londrina state university, has been a space where participants share their experiences and generate knowledge. From the perspective of two teacher researchers, we present an analysis of some posts in this blog, which is one of the tasks of the project, aiming to discuss the involved identities by using metaphors and images they created. Through the development of this work we categorized posts in three themes: the teacher who learns, the teacher who recreates him/herself during difficulties, and the affective teacher. In the surveyed fragments we have found out our marks, the fingerprints of our time, stories and the threads of the social fabric that involves us. The data also reveal that the blog was forged into a practice in which feelings and voices were shared, and through which collaborative teachers’ identities have been recreated.

**KEY-WORDS:** Electronic tools; Teacher education; Blog; Teacher identities.

\* Tratou-se inicialmente de uma Apresentação Individual realizada no 17º Intercâmbio em Pesquisa de Linguística Aplicada (InPLA), portanto consta no caderno de resumos do mesmo evento.

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual de Educação Básica do Estado do Paraná, professora pesquisadora no Projeto Aprendizagem sem Fronteiras da Universidade Estadual de Londrina e mestranda do programa de pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Londrina. (annybasso@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual de Londrina. (mateus@uel.br)

<sup>3</sup> Especialista em Língua Inglesa, professora pesquisadora no Projeto Aprendizagem sem Fronteiras da Universidade Estadual de Londrina e mestranda do programa de pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Capes. (lucianaaudi@yahoo.com.br).

Ana Paula Basso

Elaine Mateus

Luciana Cristina da Costa Audi



## INTRODUÇÃO

Diante de um mundo em constantes transformações tecnológicas no qual vivemos, muitos recursos são utilizados para que se obtenha êxito na aprendizagem, e em especial, o que iremos tratar neste artigo, oferece algumas possibilidades de desenvolvimento e compartilhamento das experiências e conhecimentos gerados na formação de professor: o blog.

Blog, segundo Ferreira (2009), trata-se de uma página na internet (Web), que utiliza os protocolos de transmissão de dados e conta com um servidor para armazenar as informações que apresenta; e precisa ser atualizado com frequência. O blog apresenta-se com uma linha de tempo para as postagens, abarcando uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesias, artigos, idéias, fotografias e tudo mais que seja possível para sua atualização. Torna-se uma excelente forma de comunicação, pois permite que grupos e pessoas interem-se sem restrição temporal, também, o leitor pode registrar comentários acerca da exposição do blog a qualquer momento. Além de aproximar as pessoas e proporcionar espaço para troca de idéias, permite reflexões, colocações e compartilhamento de experiências; amplia a visão de mundo e oportuniza a todos o acesso às produções realizadas.

## 1. CONTEXTO DE PESQUISA

Inicialmente, ao falar de ferramentas eletrônicas, que no caso do nosso trabalho é o blog, vamos descrever brevemente o *Projeto Aprendizagem sem Fronteiras: ressignificando os limites da formação inicial e contínua de professores*<sup>4</sup>, que gerou o blog analisado. O projeto atua numa parceria entre a Universidade Estadual de Londrina e escolas públicas, é um projeto de formação de professores fundamentado na perspectiva sócio-histórico-cultural, onde professores de professores (professores formadores), professores novatos (alunos de graduação), professores colaboradores (professores da rede estadual de educação básica), e professores pesquisadores (alunos de pós-graduação) reúnem-se, planejam e discutem suas ações na escola pública onde atuam com uma proposta de ensino colaborativo.

---

<sup>4</sup> Doravante Sem Fronteiras



Na escola, a participação nas aulas ocorre sempre em grupos de 3 ou 4 professores numa determinada turma ao longo do ano letivo, onde há a exploração dos materiais didáticos e das estratégias criadas nos grupos de discussão.

Na universidade, ocorrem encontros semanais para discussão do que juntos vivenciamos na sala de aula. São realizadas leituras de outros textos, (re)criação de materiais didáticos e de estratégias de práticas de ensino. Também faz parte das atividades o acesso constante e postagens no blog do projeto para compartilhar sentimentos, experiências e conhecimentos.

Desta forma, o projeto busca promover o encontro do mundo da vida com o mundo da teoria de três formas. A primeira, por meio da mudança de papéis - um dos desafios que orienta os participantes é estar sempre em posição de quem aprende para ensinar e não de quem ensina para aprender. No projeto somos todos professores-aprendizes. Por isso, o “formador” é professor de professores. O “estagiário” é professor novato. E o “regente” da escola básica é o professor colaborador. A segunda, deixando-nos transformar pelo outro e por suas experiências sempre únicas e relevantes. Nos momentos de compartilhar experiências vividas na sala de aula é que o currículo vai se transformando, que as leituras vão se definindo e que as propostas de encaminhamento vão se desenhando. E a terceira, por meio do ensino colaborativo - não basta dizer ao professor colaborador ou ao professor novato o que fazer na escola; é preciso criar e experimentar, com ele, alternativas que permitam superar as dificuldades da sala de aula.

É da vivência rotineira da sala de aula, que os professores do projeto recriam as práticas que vivenciam, e produzem assim, conhecimento localmente significativo para eles e para seus alunos.

A criação e uso de um blog no projeto, surgiu da necessidade de atender à ementa do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, que exige o domínio das ferramentas da internet por parte dos alunos. Os participantes do projeto acessam constantemente o blog, postam fotos, imagens, narrativas, descrições, pensamentos de si, da escola e daquilo que escolhem compartilhar. Esta ferramenta tem permitido a exposição de experiências e emoções referentes à formação de professores.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

**Ana Paula Basso**  
**Elaine Mateus**  
**Luciana Cristina da Costa Audi**



Em nossa análise utilizamos uma visão vigotskiana, que entende o indivíduo como sujeito que transforma e é transformado pelo meio social em que vive.

Dentro da teoria da atividade sócio-histórico-cultural, “que considera que a aprendizagem ocorre mediante a prática social entre indivíduos” (PASSONI, 2009, p.167), estudiosos defendem a formação de professores num processo colaborativo (LAVE, 1996; MATUSOV & HAYES, 2002; MATEUS, 2009; MOLL & ARNOT-HOPFFER, 2005), e considerando o contexto no qual foi desenvolvido este trabalho, temos como comunidade uma coletividade composta pelos professores novatos, professores formadores, professores colaboradores e professores pesquisadores, que participam do Sem Fronteiras, atuando num processo colaborativo. Tendo a comunidade de prática desses indivíduos mediada por artefatos que no caso desta análise, estão expressos em seus comentários postados no blog; nosso objetivo é discutir as identidades dos envolvidos, por meio do uso que fizeram de imagens e metáforas expressas em seus comentários postados.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Decidimos analisar imagens e metáforas, porque as metáforas são recursos retóricos poderosos que utilizamos para dar mais cor e força à nossa fala e/ou escrita (SARDINHA, 2007, p.13). Além de tratarem-se também de meios econômicos para expressarmos um vasto número de informações. Metáforas nas palavras de Sardinha (2007, p. 14):

[...] são um modo simples de expressar um rico conteúdo de idéias, que não poderia ser bem expresso sem elas. As metáforas também criam uma relação de proximidade com o ouvinte, o leitor, ou a platéia, pois ao ‘entender’ a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante.

Igualmente importante na formação de professores é a comunicação por meio das imagens. Estas foram os primeiros meios de comunicação da humanidade, que desde os primórdios registrava mensagens por meio de desenhos nas paredes das cavernas. Numa leitura de Sankey:

Letramento no futuro incluirá a habilidade de ler ambos, o texto e a imagem, juntos e separadamente. O uso criativo de imagens para contar histórias, comunicar conceitos e como meio de prover evidência, não é mais uma

**Ana Paula Basso**  
**Elaine Mateus**  
**Luciana Cristina da Costa Audi**



característica adicional para o texto, mas um elo vital no processamento cognitivo da informação e essencial na criação de uma pedagogia completa.<sup>5</sup>

Logo, se pensarmos nos conceitos de letramento, que inclui muito mais do que a habilidade de ler e escrever, assim como os textos, as imagens são representações visuais que expressam intencionalidades. E é justamente através de tais expressões que pretendemos analisar como as identidades dos professores são recriadas num ambiente de formação colaborativa.

Nossa análise se fundamenta na perspectiva sócio-histórico-cultural, onde a identidade é concebida como parte da vida social humana, na medida em que se constitui e é constituída nas e pelas práticas sociais humanas.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os dados coletados para esta análise se constituem de postagem dos envolvidos no projeto, desde sua criação, em 04 de março de 2009, a 26 de novembro de 2008. São 112 postagens, dentre as quais 82 possuem figuras ou fotos. Tendo em vista um número expressivo de postagens, e a limitação de tempo e espaço, direcionamos nossa análise às três categorias mais recorrentes: o professor que aprende, o professor que se recria na diversidade, e o professor afetivo.

Desta forma, apresentamos apenas seis dos excertos analisados, por serem os que melhor expressavam as categorias acima citadas.

## **4. ANÁLISE**

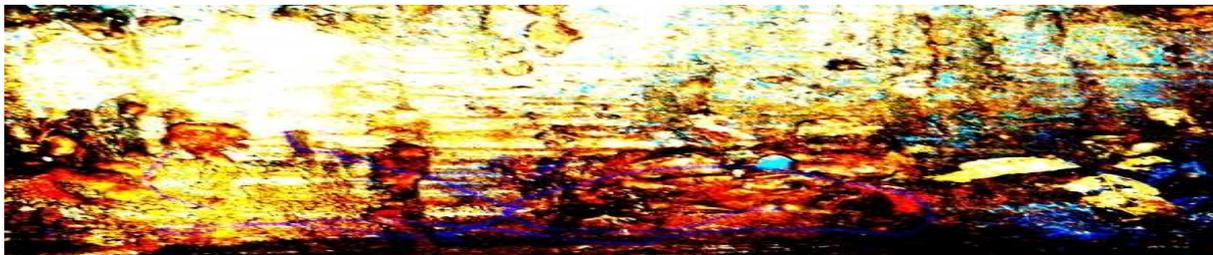
### **4.1 O professor que aprende**

Terça-feira, 13 de Maio de 2008

perder e buscar o equilíbrio: oportunidade para aprender

---

<sup>5</sup> Nossa tradução.



Outro dia, no seminário do Klaas, ele perguntou o que aprendemos, como, em que contextos, a partir de que fontes, nos últimos três anos. Eu pensei, mas não disse: podemos aprender a cada minuto, a cada fase de nossas vidas, e muitas experiências não-escolares (não-acadêmicas) são genuinamente pedagógicas. Nos últimos anos, perder e buscar o equilíbrio tem sido uma imensa fonte de aprendizagem na minha vida. Tenho aprendido com um mundo de novas informações que jamais pensei faria parte do meu interesse, também muito com a reflexão<sup>6</sup> -- e refletimos mesmo quando não queremos!! -- e muito também com o diálogo com outros. O diálogo requer abertura, franqueza, coragem, para expressar o que pensamos e para ouvir o que os outros nos dizem. Assim, penso estar aprendendo. Postado por Silvia às 03:44 .<sup>7</sup>

A imagem, aqui omitida, traz a foto de dois professores, numa situação de parceria onde um aprende com o outro; assim como a mensagem relata parte de um diálogo sobre o que aprendemos e em que circunstâncias. Nesta postagem identificamos o professor como um aprendiz. Observamos que dá-se aqui o rompimento com o paradigma da universidade como única responsável pela transmissão do conhecimento e de modelos. A educação deixa de ter o caráter bancário, onde o professor é tido como depositante e o aluno o depositário, aquele que recebe o conhecimento como um depósito, e então o guarda (FREIRE, 1970). Nesta perspectiva o professor também é aprendiz à medida que dialoga com o outro, numa visão colaborativa.

Um outro excerto que expressa a metáfora do professor que aprende é citado a seguir:

Segunda-feira, 23 de Junho de 2008

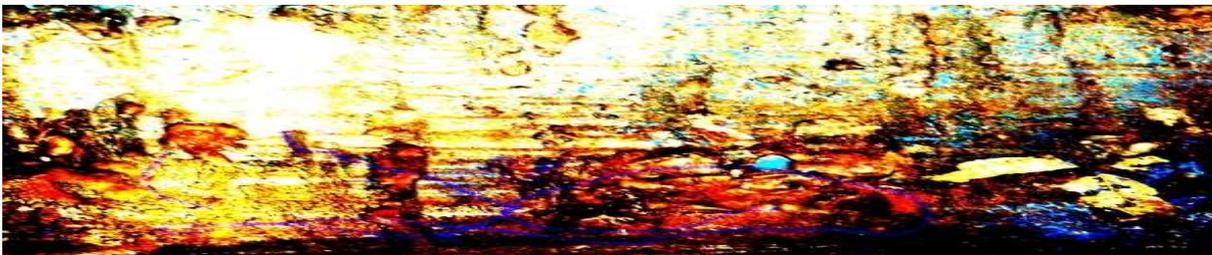


### **Sou uma bolha!**

Passei rapidamente por aqui agora só para dizer que não paro de aprender. A cada dia que passa vejo que ainda há muito para que eu me torne uma professora. Quero deixar meu agradecimento a todos vocês.

<sup>6</sup> Grifo nosso

<sup>7</sup> Imagem omitida por tratar-se de foto sem autorização para exibição.



Este semestre realmente me transformou mais um tanto, um tanto bem grande! Todos vocês, alunos deste blog, foram grandes mestres para mim. Continuem soprando seus ares de sabedoria para que eu cresça.<sup>8</sup>  
Obrigada!!!!!!” (Postado por Karime às 20:02 )

Identificamos também nesta postagem, o professor como um aprendiz: “passei aqui só para dizer que não paro de aprender...”, rompendo novamente com os paradigmas que apresentam o professor como detentor de todo o saber. A imagem de uma criança soprando “bolinha de sabão” nos remete a pensar na necessidade do “sopro” na formação de professores; ou seja, a interferência constante do outro que nos constitui, revelando a importância da prática social entre indivíduos.

Este excerto trata-se da fala de uma professora formadora, por isso chama os participantes de alunos. Percebemos que ela vivenciou a experiência que segundo Ortenzi, 1999, p. 45, seria o “desafio de deixar de lado os papéis de experts (no caso das formadoras) e de consumidores (no caso dos professores) para nos colocarmos como parceiros pensando juntos sobre situações de ensino” .

Ao reconhecer os alunos como mestres e solicitar-lhes que continuem “soprando seus ares de sabedoria”, a professora formadora assume uma posição de aprendiz, utilizando o espaço para compartilhar experiências, o que nos remete à formação continuada. Evidenciando que a constituição de sua identidade dá-se também na prática social entre os indivíduos.

Também Candau (1998, p. 57), fazendo referência à formação docente, reconhece que esta não se limita à formação inicial, mas também continuada, qualificando o aprendizado do professor em uma perspectiva desenvolvimental. Referindo-se ao trabalho docente, afirma que, “neste cotidiano, ele aprende, desaprende, reestrutura o aprendido, faz descobertas e, portanto, é nesse lócus que muitas vezes vai aprimorando sua formação”.

Neste excerto, tanto a imagem quanto a mensagem, ao usar a metáfora: *sou uma bolha*, sugerem que o professor precisa dos outros para crescer, para aprender, reafirmando o conceito do trabalho colaborativo.

---

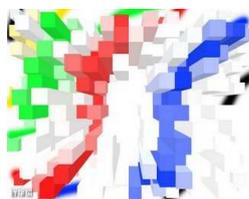
<sup>8</sup> Grifo nosso.



## 4.2 O professor que se recria na diversidade

Reconhecendo que a identidade do indivíduo não é uma entidade estável, que ele leva consigo em todas as situações; e nem é determinada por formações anteriores a ele, mas é algo (re)criado e (re)produzido nos e pelos processos coletivos de produção material. Assumindo que toda atividade humana é essencialmente social, percebemos na postagem abaixo, um professor que se reconstitui constantemente, que se recria também na diversidade.

Segunda-feira, 13 de Outubro de 2008



Mosaico

É curioso como os sentimentos flutuam e se transformam na prática de viver intensamente a escola e a vida. Hoje estou assim: pedaços, fragmentos, partículas sem forma. E relendo as últimas 4 ou 5 postagens percebo o quanto nossas emoções vão mediando e dando sentido às experiências singulares que cada um tem vivido no projeto, seja na escola como professor, como observador ou como aluno. São conquistas, desafios, dificuldades e incertezas mediados pelas diferenças de quem somos e de como fomos ontem, a semana passada, há 8 meses quando iniciamos esse blog...

Eu fiquei pensando o que dizer sobre o papel da escola para o século XXI e entendi que ainda não recriamos a escola do século passado. Falamos em criar "cidadãos", mas uns devem ser mais cidadãos que outros. Falamos em formar pessoas críticas, mas uns devem ser mais pensadores do que outros. Falamos em preparar profissionais, mas uns devem ser mais bem sucedidos do que outros. Aos nossos filhos, o conhecimento. Aos filhos do outro, os diplomas. Aos nossos filhos, informações sobre o mundo, sobre a história, sobre a linguagem. Aos filhos do outro, terminar o livro didático. Aos nossos filhos, inglês preparatório pro *First*. Aos filhos do outro, leitura instrumental (seja explorando gênero ou na forma clássica). Aos nossos filhos, universidades públicas. Aos filhos do outro, mais diplomas. Aos nossos filhos, profissão. Aos filhos do outro, trabalho.

Não dá pra pensar a escola assim. Acho que precisamos mesmo pensar que democracia e liberdade se constroem somente quando todos podem ser.

(Postado por Emanuele às 07:24 - 2 comentários)

Representada na imagem, e expressa também na metáfora de mosaico, sua identidade aqui é concebida a partir da fragmentação, do deslocamento e do descentramento do sujeito. Ela é

**Ana Paula Basso**

**Elaine Mateus**

**Luciana Cristina da Costa Audi**



definida na e pela fragmentação do sujeito. Também definida na e pela relação do eu com o outro.

Neste excerto percebemos como se dá o processo de recriação da identidade da professora numa situação de diferenças, a identidade da professora se constrói a partir da diferença, da percepção das suas representações sobre o outro (o aluno), de modo que a construção da sua imagem é também elemento constitutivo da identidade do próprio professor.

Nas palavras de Roth et al (2004, p. 50), citada em Mateus e Piconi (no prelo):

“especialmente em momentos de crise ou quando as pessoas mudam de um sistema de atividade para outro, a constância da identidade é posta em xeque ameaçando continuamente, com isso, a sensação de um constante eu (*self*) que é preservada com o tempo”.

Nas leituras de Engeström (2002), percebemos que nesse depoimento, ao mesmo tempo em que Emanuele se utiliza da metáfora de mosaico para se expressar em pedaços, em processo de recriação, compartilha também o desejo de transformação pautado na revisão dos papéis sociais e na produção de novas culturas, com vistas à transformação que se associa à criação de modelos culturalmente novos.

“No quadro da teoria sócio-histórico-cultural, as contradições entre o objeto idealizado e as realizações desse objeto – sempre circunscritas no tempo e em contextos específicos – são a força propulsora das transformações significativas”( MATEUS, 2009, p. 63).

Para Engeström (2002), é a partir da contradição que ocorre o motivo para a transformação. Entendemos, portanto, que nos constrangimentos e nas possibilidades de transformar a realidade objetiva em que se encontram, é que os indivíduos não somente produzem resultados materiais, mas também, produzem e (re)produzem a si mesmo e a outros participantes de uma dada atividade.

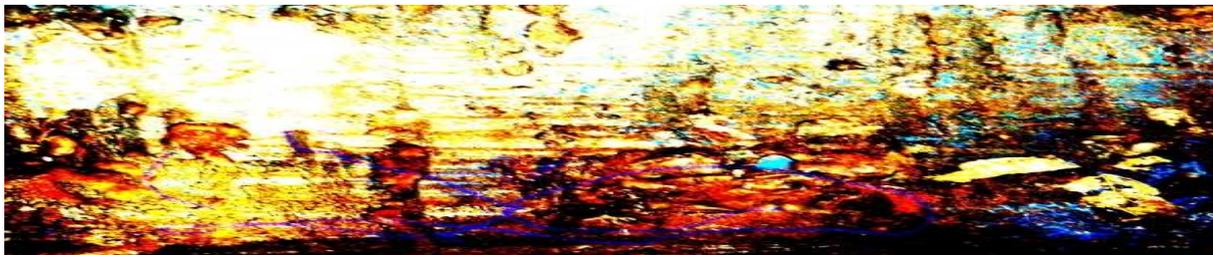
Mateus e Piconi, (no prelo) postulam que:

Igualmente fundamental para a compreensão da identidade está o fato de que a atividade humana, assim como a aprendizagem é essencialmente social; se dá em contextos sociais. Ela é circunscrita numa dada comunidade, constituída por um coletivo que viabiliza as ferramentas disponíveis num dado tempo e espaço a fim de agir no mundo. Assim, as interações sociais, mediadas principalmente pela linguagem, estabelecem a ponte entre o indivíduo e o outro, apresentando-se como aspecto constitutivo tanto das práticas colaborativas humanas, como da identidade destes indivíduos.

**Ana Paula Basso**

**Elaine Mateus**

**Luciana Cristina da Costa Audi**



Ainda num processo de construção identitária do professor a partir de suas representações sobre o(s) outro(s), percebemos tanto na imagem, quanto na mensagem da postagem abaixo, mais um exemplo do professor que se recria na diversidade.

Quarta-feira, 1 de Outubro de 2008



Como somos diferentes!

A cada dia que passa percebo mais e mais o quanto somos diferentes. No entanto, as diferenças não devem ser obstáculos mas sim desafios em nossas vidas. Esta foto representa minha visão de mundo hoje: tantas diferenças em um único lugar, porém todas devendo ser amadas.

A foto é de minha coleção de bonecas que ganhei ou comprei. São de vários lugares por onde andei e obtidos em vários momentos da minha vida. São diversas em seus estilos e origens, mas todas amadas por mim. (Postado por Karime às 05:33 - 0 comentários)

A imagem de diferentes bonecas, simbolizando as diferenças de cada um, porém juntas no mesmo quadro; bem como a mensagem postada, retratam que a identidade do professor é problematizada, mais uma vez, a partir dos sentidos acerca da diversidade, da percepção do outro, numa atividade essencialmente social.

Neste sentido, a identidade só pode ser compreendida a partir da relação do sujeito (EU) com outros sujeitos (O OUTRO), na medida em que ela se define a partir da diferença, da percepção de si e do outro, pela valorização do “eu” frente ao “outro”. Em se tratando de professores, a atividade de aprendizagem em que estão envolvidos mobiliza sentidos de si e do outro – neste caso, seus alunos – que (re)criam, de modo dialético, os sentidos de quem são, como se definem, e como são definidos pelos outros.

#### 4.3 O professor afetivo

**Ana Paula Basso  
Elaine Mateus  
Luciana Cristina da Costa Audi**



A professora como.....uma AVÓ.<sup>9</sup>

Um professor deve ser e ter as mesmas atitudes de uma avó.

Uma avó sabe amar todos seus netos sem distinção! Compreende o modo de ser de cada neto e o considera como se fosse único! Sabe manter a ordem dentro de casa e faz de tudo para que não haja conflitos! ... Assim deve ser um professor...

Um professor deve saber conciliar o ensino e a aprendizagem.

Um professor deve respeitar a individualidade de cada aluno sem qualquer distinção ou comparação entre eles.

Um professor deve compreender as dificuldades da turma e ser paciente para auxiliá-los.

Um professor deve cativar seus alunos respeitando-os e ganhando o respeito deles.

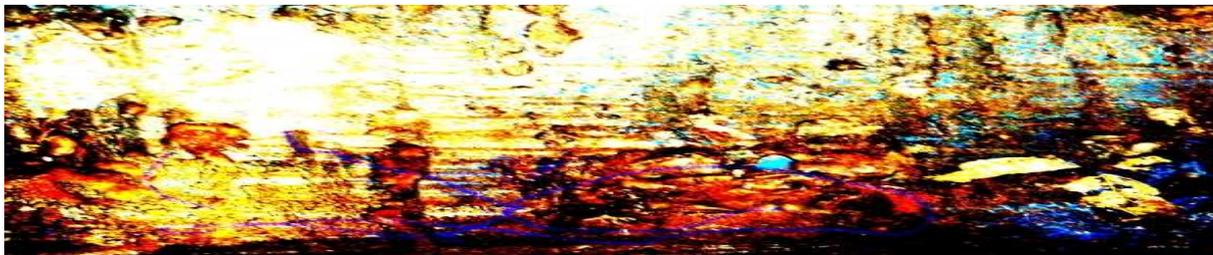
Ser professor(a) é ser um pouco pai/mãe e fazer parte da formação de seus alunos.

Na foto, eu e minha primas com nossa avó querida! (Postado por Márcia às 09:23 0 comentários)

Ao analisarmos a imagem da foto, onde aparece uma senhora idosa e sorridente, sentada, cercada por cinco jovens também sorridentes em pose para fotografia, na metáfora da professora como uma avó; comparamos a avó cercada por seus familiares ao professor cercado por seus alunos. São para estes movimentos de ressignificação de identidades mediados pelo outro que nos voltamos. Essa metáfora que evidencia a imagem do professor como ser humano que é, movido por sentimentos, que se envolve com seus alunos, como uma avó com seus netos, que tem como característica principal o cuidado individual com cada aluno e o desejo de ensinar os alunos a respeitar os demais e tornarem-se cidadãos completos, realizados e felizes.

O professor afetivo pode ser também encontrado na metáfora do professor como um guerreiro, ao criar laços afetivos na relação professor e aluno, estabelecendo empatia, para que a aprendizagem ocorra num ambiente de cumplicidade. A imagem postada para esta metáfora é de

<sup>9</sup> Omitimos a impressão da foto por falta de autorização dos envolvidos.



peessoas jovens e sorridentes, confirmando a conotação positiva do professor guerreiro. Na foto pousam três garotas fazendo “caras e bocas”, em pose irreverente e desafiadora: Uma delas sorrindo, a outra fazendo biquinho e a terceira mostrando a língua.

O professor como um GUERREIRO...<sup>10</sup>

Jamais deve desistir de seus objetivos, sempre superando os obstáculos que por ventura possam aparecer em seu caminho, sejam eles em sua caminhada tanto como professor como ser humano. Deve saber que o que se encontra pelo caminho pode ser diferenciado entre favorável ou não para ser adicionado em sua bagagem. Entender que o aluno pode ser uma aliado nesta batalha é saber trazê-lo para lutar lado a lado com o professor para vencer cada vez mais as dificuldades. Sendo assim, insisto que entre professor e aluno de haver confiança, cumplicidade e, principalmente, perseverança. Na foto estou, futura professora (no meio) com minha prima, futura arquiteta (à esquerda) e minha irmã, estilista recém formada (à direita). (Postado por Lilla às 06:56 - 0 comentários)

O professor como um guerreiro que apresenta forças para superar os obstáculos, neste contexto positivo não se refere ao inimigo combatente, mas ao guerreiro que se utiliza de estratégias e alia-se ao aluno para juntos criarem espaços dialógicos de aprendizagem.

Entendemos que a metáfora do professor como um guerreiro “se refere ao suporte que um par mais competente (neste caso, o professor) oferece ao aprendiz” (SARDINHA, 2007, P. 77), assim como um soldado dá suporte e proteção ao aliado.

Ao mesmo tempo, tanto o guerreiro, em sua postura de combate, quanto a avó, com sua postura de sabedoria e afetividade nos remetem a pensar em exemplos a serem seguidos em salas de aula. O importante aqui, não é mostrar que sendo o mais competente, o professor deve ser o “mais forte, o que impõe”, nem tampouco o dominado pelo capricho de seus alunos. Cabe aqui, a citação de Freire (1970), que diz:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto o professor que exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade

<sup>10</sup> Imagem omitida por tratar-se de foto sem autorização para exibição.



do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

O guerreiro e a avó, metáforas tão diferentes e tão próximas se pensarmos no que há, e deve haver em comum entre o professor e o aluno.

## 5. CONCLUSÃO

Diante das constantes mudanças da vida moderna, onde o processo de globalização nos aponta diversos caminhos, percebemos através das análises que também as interações sociais se dão por outros meios. E a universidade, numa tentativa de aproximação com aluno jovem e usuário dos recursos tecnológicos, atua através de projetos de pesquisa e extensão que recriam aspectos dialógicos de aprendizagem mediados pelas novas tecnologias de comunicação, espaços estes que têm se tornado uma constante na rotina estudantil dos alunos e revelado a familiarização que os alunos têm com o blog, devido ao número de acesso.

Tomando o blog como espaço para compartilhar práticas e aprendizagens, visualizamos através dos fragmentos analisados, que as postagens nos permitem refletir sobre nossas histórias, as memórias e rotinas que nos constituem. Neles encontramos nossas marcas, as digitais das histórias de nosso tempo e os fios do tecido social que nos reveste. O blog forjou-se como prática em que sentimentos e vozes foram compartilhados, e por meio da qual, identidades de professores colaborativos foram recriadas. Concluimos, pelas postagens analisadas, que a identidade dos professores não é estática, muito pelo contrário, ela sofre um processo de constante transformação à medida que os professores interagem com o sistema de atividade no qual atuam.

O blog, como ferramenta deste sistema, tem permitido a exposição de experiências e emoções referentes à formação de professores. Mediante a necessidade de recriar aspectos dialógicos de aprendizagem mediados pelas novas tecnologias de comunicação e informação,



identificamos nosso blog como uma ferramenta útil para que os envolvidos compartilhem suas experiências e conhecimentos gerados pela participação no projeto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, V. M. Universidade e formação de professores: que rumos tomar? In: CANDAU, V. (org.). **Magistério: construção cotidiana**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ENGESTRÖM, Y.; ENGESTRÖM, R. & SUNTIO, A. Can school communities learn to master its own future? An activity-theoretical study of expansive learning among middle school teachers. In: Gordon Wells e Guy Claxton (eds.). *Learning for life in the 21<sup>st</sup> century.: sociocultural perspectives on the future of education*. London: Blackwell, 2002, p. 211-224.

FERREIRA, M.E.E. A utilização do blog na educação. Disponível em : <http://www.webartigos.com/articles/2017/1/a-utilizaccedilatildeo-do-blog-na-educaccedilatildeo/pagina1.html> Acesso em : 26.04.09

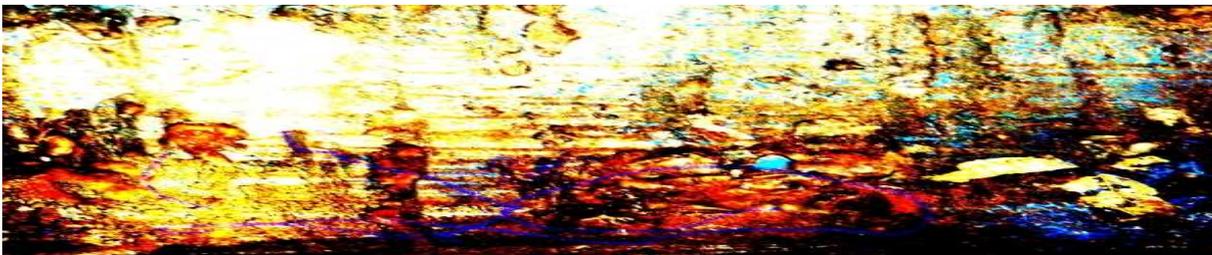
FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LAVE, Jean. Teaching, as learning, in practice. *Mind, culture and Activity*, vol. 3, n.3, p. 149-164, 1996.

MATUSOV, E. & HAYES, R. Building a community of educators versus effecting conceptual change in individuals students: multicultural education for pré-service teachers. In: Gordon wells e Guy Claxton (eds.). *Learning for life in the 21<sup>st</sup> century.: sociocultural perspectives on the future of education*. London: Blackwell, 2002, p. 239-251.

MATEUS, E. Em busca de outros modos de com-viver, in: MATEUS, E.; QUEVEDO-CAMARGO, G.; GIMENEZ, T. (orgs). *Ressignificações na formação de professores: rupturas e continuidades*, Londrina, EDUEL, 2009.

**Ana Paula Basso  
Elaine Mateus  
Luciana Cristina da Costa Audi**



MATEUS, E.; QUEVEDO-CAMARGO, G.; GIMENEZ, T. (orgs). Resignificações na formação de professores: rupturas e continuidades, Londrina, EDUEL, 2009.

MATEUS, E. & PICONI, L. B. Resignificações de identidades de professores: uma análise do encontro com o outro. *no prelo*.

MOLL, L. & ARNOT-HOPFFER, E. Sociocultural Competence in Teacher Education. *Journal of Teacher Education*. 2005; 56(3), p.242-247.

ORTENZI, D. I. B. G. Da prescrição à autonomia. In: GIMENEZ, T. (org.) Os sentidos do projeto NAP. Londrina: EDUEL, 1999, 41-46.

PASSONI, T.P. A inter-relação entre práticas discursivas, aprendizagem e organização das regras de participação nas aulas de língua inglesa. In: MATEUS, E.; QUEVEDO-CAMARGO, G.; GIMENEZ, T. (orgs). Resignificações na formação de professores: rupturas e continuidades, Londrina, EDUEL, 2009.

SANKEY, M.D.. Considering Visual Literacy When Designing Instruction disponível em: [http://www.usq.edu.au/electpub/e-jist/docs/Vol5\\_No2/sankey.html](http://www.usq.edu.au/electpub/e-jist/docs/Vol5_No2/sankey.html)  
acesso em: 22.06.2009

SARDINHA, T. B. Metáfora, São Paulo, Parábola Editorial, 2007.



## Anexo 1

Participantes do Projeto Aprendizagem sem Fronteiras: ressignificando os limites da formação inicial e contínua de professores, no ano de 2009:

- Professoras de professores
  - Kilda Maria Prado Gimenez (Coord.)
  - Elaine Mateus
  - Taísa Pinetti Passoni
- Professores novatos
  - Bruna Munhoz (4º ano)
  - Claudia Palma (4º ano)
  - Mariana Sanzovo (4º ano)
  - Marta Luzia de Souza (3º ano)
  - Vinicius de Oliveira (1º ano)
- Professores colaboradores
  - Bruna de Campos (E.E. Ana Molina Garcia)
  - Joaquim Braga (CEBEJA-UEL)
- Professores pesquisadores
  - Luciana Audi (Mestrado)
  - Michele Ribeiro Salles (Mestrado)
  - Ana Paula Basso (Mestrado)
  - Mariely Grigoletto Tessaroli (Especialização)

**Ana Paula Basso**  
**Elaine Mateus**  
**Luciana Cristina da Costa Audi**